

**TRAJETÓRIA DE MUDANÇA DO SUJEITO E DO OBJETO DIRETO
ANAFÓRICOS EM SANTA CATARINA: ANÁLISE DE CARTAS
PESSOAIS DOS SÉCULOS XIX E XX¹**

CHANGE TRAJECTORY OF THE ANAPHORIC SUBJECT AND DIRECT OBJECT
IN SANTA CATARINA: ANALYSIS OF PERSONAL LETTERS FROM THE 19TH
AND 20TH CENTURIES

Cecília Augusta Vieira Pinto | [Lattes](#) | cecilia88augusta@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Nesta pesquisa, verificamos a trajetória de mudança da realização do sujeito e da realização do objeto direto anafóricos em cartas pessoais catarinenses escritas ao longo dos séculos XIX e XX, em cinco períodos de tempo, entre 1876 e 2000. Para tanto, baseamo-nos na Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), fundamentada na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), levando em conta que analisamos contextos internos e externos à língua que condicionam os usos variados da realização do sujeito e do objeto. Além disso, seguimos alguns postulados da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1994 [1986]; Biberauer *et al.*, 2010; Galves *et al.*, 2012; Biberauer; Roberts, 2017) no levantamento de hipóteses relacionadas aos fatores internos, com base na teoria da Sociolinguística Paramétrica (Cf. Tarallo; Kato, 2007 [1989]). Nossa expectativa geral era a de que atestaríamos mudança em tempo real nas cartas catarinenses através da queda do sujeito nulo e do aumento do objeto nulo no curso do tempo. Os resultados a que chegamos mostram um declínio bem sutil do sujeito nulo, mais expressivo na segunda metade do século XX. Sobre o objeto, atestamos mudança em tempo real, considerando o aumento significativo de objeto nulo com o passar dos anos.

Palavras-chave: Sociolinguística Histórica. Teoria da Variação e Mudança. Sociolinguística Paramétrica. Relação entre sujeito e objeto direto no PB. Séculos XIX e XX.

¹ Este artigo parte de um recorte da tese de doutorado da autora.

Abstract: In this research, we verified the change trajectory in the anaphoric subject and direct object realizations in *Catarinenses* (Brazilian) letters, written in the 19th and 20th centuries in five different periods of time, between 1876 and 2000. To achieve this goal, we take into account the Socio-Historical Linguistics postulates (Conde Silvestre, 2007), grounded in the Theory of Language Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), since we analyzed the internal and external contexts of the language that constrain the diverse use of the subject and object realizations. In addition, we also took into account some postulates of the Principles-and-Parameter Theory (Chomsky, 1981, 1994 [1986]; Biberauer *et al.*, 2010; Galves *et al.*, 2012; Biberauer; Roberts, 2017) to raise the hypotheses related to the internal factors, thus following the Parametric Sociolinguistics proposed by Tarallo and Kato (2007 [1989]). Our general expectation was that we would be able to show real-time change in *Catarinenses* letters due to null subject use decrease and null object use increase over time. The results showed a subtle decrease in the null subject use, especially since the second half of the 20th century. Regarding the object, we identified real-time change, considering the significant increase in the null object use over the years.

Keywords: Socio-Historical Linguistics. Theory of Language Change. Parametric Sociolinguistics. Relationship between subject and direct object in BP. 19th and 20th centuries.

Introdução

São diversos os trabalhos que descrevem a variação da realização do sujeito anafórico, bem como do objeto direto anafórico no português brasileiro (doravante PB), falado ou escrito (Cf. Duarte, 1989, 1993, 1995, 2018; Cyrino, 1997; Costa, 2011; Marafoni, 2004; Barbosa; Duarte; Kato, 2005; Duarte; Mourão; Santos, 2012; Vieira-Pinto, 2015; Marques de Sousa, 2017; entre outros). Em estudos diacrônicos da escrita do PB, os resultados estatísticos revelam, até o século XVIII, uma maior preferência pelo sujeito nulo e um uso bastante significativo do pronome clítico. Ao final do século XX, os percentuais se invertem e as análises sincrônicas apontam para um alto preenchimento do sujeito pronominal (principalmente de primeira e de segunda pessoas), além de uma alta frequência de objeto nulo e a quase extinção do clítico de terceira pessoa na fala.

Tarallo (1983, 1993a, 1993b) e Berlinck (1988, 1989) perceberam que existe uma certa relação com respeito à mudança desses dois fenômenos sintáticos, e isso parece se

refletir na mudança da ordem do sujeito. A partir da simplificação no paradigma flexional verbal do PB, houve um aumento significativo do preenchimento do sujeito pronominal, uma queda do preenchimento do objeto direto anafórico e uma diminuição da ordem VS transitiva. Ou seja, houve um rearranjo do sistema linguístico causado por mudanças que parecem ser encadeadas. O autor defende também que essa relação entre a realização do sujeito e do objeto é assimétrica, no sentido de que se um dos argumentos é nulo, o outro é preenchido. Essa mesma assimetria é verificada em Portugal e, neste ponto, PB e PE se assemelham. Porém, a distinção entre as duas variedades, segundo o autor, está no fato de que houve no PB uma inversão da assimetria entre sujeitos e objetos, e esse percurso de mudança durou pelo menos um século.

Além dos estudos de Tarallo e de Berlinck, temos conhecimento de alguns trabalhos que trouxeram resultados das ocorrências variáveis de sujeito e de objeto em suas amostras (Costa, 2011; Soledade, 2011; Coelho *et al.*, 2017; Othero; Spinelli 2019). Em dados do estágio atual do PB, por exemplo, Othero e Spinelli (2019) analisam entrevistas de Porto Alegre de duas diferentes sincronias (separadas por 20 anos) e verificam tanto ocorrências do sujeito de terceira pessoa quanto usos de objeto direto anafórico. Nas décadas de 1990 e de 2010, os resultados revelam, de um lado, a baixa frequência de sujeito nulo de terceira pessoa (com percentuais em 24% e 21,3%) e, de outro, os altos índices de objeto nulo anafórico (78,1% e 82,1%). Os autores mencionam que os dois fenômenos sintáticos têm andado juntos na história do PB e, por isso, não é de se estranhar que as ocorrências de sujeito e de objeto se encontrem ambas estáveis de uma sincronia para a outra.

Verificando dados do passado, Soledade (2011) também realizou brevemente a comparação entre os dois fenômenos. A autora analisou o objeto direto anafórico (de terceira pessoa) nas mesmas peças teatrais brasileiras em que Duarte (1993) estudou a realização do sujeito das três pessoas do discurso. Os percentuais gerais de sujeito nulo e de objeto nulo dos dois estudos foram apresentados por Soledade e mostram a assimetria citada por Tarallo: enquanto o sujeito nulo tem 80% de ocorrência em 1845, o objeto nulo tem apenas 32%; já no último recorte de tempo, 1992, o sujeito nulo passa a ter percentual em torno dos 25% e o objeto nulo anafórico alcança quase 99%. A partir desses resultados, Soledade nota que a implementação do sujeito pronominal coincide com o aumento do objeto nulo, e isso condiz com a inter-relação existente entre os dois fenômenos citada por Tarallo.

Esses trabalhos trazem alguns indicativos importantes da relação existente entre a trajetória de mudança do sujeito e do objeto que ainda merecem ser explorados. Nesta

pesquisa, pretendemos aprofundar a análise referente à realização do sujeito e do objeto direto anafóricos, descrevendo diacronicamente os dois fenômenos a partir das mesmas amostras e buscando a influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas em comum na análise do sujeito nulo e do objeto nulo em cartas catarinenses.

1. Aspectos teórico-metodológicos

Este trabalho se insere no âmbito da Linguística Histórica, que estuda o desenvolvimento da língua com o passar do tempo, focando no modo como ela muda e nas condições associadas a cada mudança (Romaine, 1982; Tarallo, 1990; Labov, 1994; Mattos e Silva, 2004, 2008; Faraco, 2005; Paixão de Sousa, 2006; Conde Silvestre, 2007; entre outros). Seguimos os postulados e a metodologia da Linguística Histórica *stricto sensu* (Mattos e Silva, 2008), mais precisamente da Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), que leva em conta os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), cujos principais fundamentos buscam explicações para os processos de variação e mudança ocorridos no passado, levando em conta fatores intra e extralinguísticos.

Assumindo uma teoria linguística formal, seguimos a Teoria Gerativa no que diz respeito à Teoria de Princípios e Parâmetros (Cf. Chomsky, 1981, 1994 [1986]; Biberauer *et al.*, 2010; Galves *et al.*, 2012; Biberauer; Roberts, 2017), tendo, assim, bases para levantar hipóteses internas sobre nossos fenômenos e atestar as restrições que atuam no condicionamento de nossas variantes. Além disso, adotamos neste trabalho o modelo teórico que une a Teoria Gerativa à Teoria da Variação e Mudança, em uma harmonia trans-sistêmica, a Sociolinguística Paramétrica (Tarallo; Kato, 2007 [1989]). A ideia é pensar a variação e a mudança linguística ocorridas em uma mesma língua, no decorrer dos séculos, da mesma forma que a variação entre diferentes línguas, como propõe a Teoria Gerativa.

Nossos dados foram coletados em um conjunto de 17 amostras de cartas catarinenses (pertencentes ao acervo do PHPB-SC)², totalizando 491 missivas. Tais cartas foram distribuídas, de acordo com as datas em que foram escritas, em cinco diferentes períodos de tempo dos séculos XIX e XX, contendo cada um deles 25 anos (1876-1900, 1901-1925, 1926-1950, 1951-1975 e 1976-2000). Levantamos todas as ocorrências de sujeito de terceira pessoa, bem como todas as ocorrências de objeto direto anafórico na escrita dos missivistas.

² Para a Sociolinguística Histórica, é necessária a investigação das amostras a serem analisadas a fim de buscar a reconstrução do contexto social dos missivistas e o contexto histórico da sociedade em que viviam na época de escrita das cartas. Para conhecer melhor os fatores sociais do conjunto de amostras utilizadas neste trabalho, sugerimos a leitura de Vieira-Pinto (2020), em que buscamos diversas informações que poderiam estar influenciando o uso de nossas variantes.

São duas as variáveis dependentes a serem analisadas neste estudo. A primeira diz respeito à variação do sujeito anafórico, que ocorreu em duas variantes:

Sujeito Nulo

- (1) **Maria e Alexandre** vão bem, sómente muito brabos, Ø me deixam quase louca, ainda agora estou escrevendo esta ao som do choro de um dum lado e de outro do outro lado, o que, aliaz, hão de ver pela lettra. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Bertaso, Remetente Elza, ano de 1929)

Sujeito pleno

- (2) No seu esplêndido artigo, você mostra desconhecer o primeiro livro de **Lausimar** “Confidências” poesias, 1942, dedicado a Francisco Barreiros Filho que foi um ídolo pra ela como foi para mim. Ele nunca a recebeu - e **ela** tinha uma grande mágoa por não ter recebido nunca palavra dele. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Maura de Senna Pereira, ano de 1979)

A segunda variável dependente é a variação do objeto direto anafórico, que também ocorreu em duas variantes:

Objeto nulo

- (3) falando nisso vê se me paga **as apostas que ganhei**, podes mandar Ø pelo correio. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente HB, ano de 1981)

Objeto preenchido (podendo ocorrer nas formas de pronome clítico e de pronome reto)

- (4) **pronome clítico:** Tencionava enviar-te **Gazetas de Noticias** por este correio, mas esqueci-**as** em casa, e por isso só t’as remette rei pelo vapor de 12 do decorrente. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Virgílio Várzea, ano de 1890)
- (5) **pronome reto:** bem, agora tenho que escrever para **as madames do 342**. Estou bem brava com elas, pois nem se despediram de mim, quando fui procurar **elas** domingo a tarde já tinham ido. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente FL, ano de 1980)

A expectativa geral é a de que haverá diminuição do percentual de sujeito nulo nas cartas à medida que, em um movimento oposto, o objeto nulo for ganhando força, invertendo a assimetria inicial. Sobre o pronome reto na função de acusativo, esperamos que apareça timidamente nas amostras, em sincronias mais recentes (Cf. Duarte, 1993; Cyrino, 1997; Costa, 2011; Duarte; Mourão; Santos, 2012; Marques de Sousa, 2017; entre outros).

As variáveis dependentes, realização do sujeito anafórico e realização do objeto direto anafórico, foram controladas a partir de variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, apontadas em estudos anteriores como sendo condicionadoras da variação dos fenômenos investigados. As variáveis intralinguísticas são: “animacidade do referente”, “especificidade do referente”, “estrutura paralela entre referente e anafórico”, “transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo”, “construção sintática” e “padrão sentencial”. Quanto às variáveis extralinguísticas, controlamos: “relação de intimidade”, “temática do trecho da carta”, “idade”, “notabilidade do missivista” e “missivista”.

De modo geral, esperamos apontar a influência das mesmas variáveis linguísticas e extralinguísticas na análise do sujeito nulo e do objeto nulo em um mesmo espaço de tempo.

2. Resultados e discussões

2.1 A realização do sujeito anafórico nas cartas catarinenses

A coleta de dados de sujeito anafórico nas cartas catarinenses resultou em 613 dados³ em missivas datadas entre 1883 e 1993, dos quais 389 (63,5%) são de sujeito nulo e 224 (36,5%) de sujeito pleno, conforme mostra a Tabela 1:

Tabela 1: Frequência e percentual das variantes do sujeito anafórico nas cartas catarinenses segundo cinco períodos de tempo dos séculos XIX e XX

Sujeito	Período 1 1876- 1900	Período 2 1901- 1925	Período 3 1926- 1950	Período 4 1951- 1975	Período 5 1976- 2000	Total
	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %
Nulo	82/119 68,9%	34/56 60,7%	88/129 68,2%	36/54 66,7%	149/255 58,4%	389/613 63,5%
Pleno	37/119 31,1%	22/56 39,3%	41/129 31,8%	18/54 33,3%	106/255 41,6%	224/613 36,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

³ Optamos por retirar de nossas rodadas 126 dados de sujeito anafórico de segundas coordenadas, em que o sujeito da primeira oração possui a mesma referência do anafórico. Conforme Duarte (1995, 2018), até mesmo em línguas de sujeito preenchido, o sujeito anafórico de estruturas desse tipo costuma ser nulo.

Nossa hipótese inicial, baseada em Duarte (1993, 2018), era que, nas primeiras três sincronias, o sujeito nulo seria bastante frequente e que seus percentuais cairiam a partir do quarto período, havendo indícios de mudança em tempo real de um sistema majoritariamente de sujeito nulo para um outro, mais variável, de sujeito nulo e pleno. Atestamos parcialmente tal hipótese: somente na última sincronia vemos uma diferença no percentual de sujeito nulo, ainda pequena para atestarmos mudança. A preferência pelo sujeito nulo nas cartas catarinenses ainda é grande, apesar da queda de 10% da primeira para a última sincronia. Os exemplos a seguir ilustram a ocorrência de sujeito nulo e sujeito pleno, respectivamente.

- (6) Dia 6 chegou aqui, nossa D. D. Superiora Geral. É boa, o quanto um ente humano póde ser bom. Falei particularmente com **ella**, por ser uma alumna de Curityba. Ø Deu-me “tres bençans”, e no dia de meu anniversario deu-me uma imagem. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Bertaso, Remetente Elza, ano de 1920)
- (7) Logo que recebi sua carta, comuniquei-me com **seu filho Jócio** e solicitei tudo o que êle pudesse conseguir. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Maura de Senna Pereira, ano de 1971)

Para a realização das rodadas estatísticas binomiais, decidimos amalgamar os períodos 2 e 3 e os períodos 4 e 5 para, assim, chegarmos a resultados mais expressivos a respeito da trajetória de mudança de nossos fenômenos⁴. Na análise multivariada das 613 ocorrências de sujeito anafórico, tomamos como aplicação da regra a variante sujeito nulo.

Em uma rodada binomial geral⁵, observamos que a variável “período de tempo” não foi selecionada pelo programa estatístico como condicionadora do sujeito nulo, não atestando, portanto, mudança em tempo real nas cartas catarinenses, o que vai de encontro ao que havíamos previsto. O programa estatístico Goldvarb X selecionou apenas três variáveis intralinguísticas e uma variável extralinguística como condicionadoras do sujei-

⁴ Repensamos a distribuição dos períodos de tempo de nossas amostras, considerando a pouca quantidade de dados coletados nos períodos 2 e 4 e a grande quantidade de variáveis independentes que temos, pois, se mantivéssemos dessa forma, os resultados poderiam não ser tão significativos estatisticamente. Pudemos atestar isso em uma primeira rodada em que, por exemplo, não foi selecionada nenhuma variável como relevante no período 2.

⁵ Em Vieira-Pinto (2020), realizamos também rodadas estatísticas separadas a cada período a fim de verificar se as forças internas e externas são as mesmas conforme se avança no tempo.

to nulo, nesta ordem: i) padrão sentencial; ii) transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo; iii) relação de intimidade; e iv) especificidade do referente. Os resultados estão apresentados a seguir, na Tabela 2:

Tabela 2: Frequência, percentual e peso relativo de sujeito nulo nas cartas catarinenses segundo as variáveis “padrão sentencial”, “transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo”, “relação de intimidade” e “especificidade do referente”

Sujeito	Todos os períodos juntos		
	Apl/Total	%	PR
Padrão sentencial			
Padrão 1	38/41	92,7%	0,87
Padrão 2	184/260	70,8%	0,58
Padrões 3 e 4	166/309	53,7%	0,36
Total	388/610	63,6%	--
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo			
Estruturas complexas	44/58	75,9%	0,65
Verbos de 2 complementos	76/107	71%	0,58
Verbos de 1 complemento	163/261	62,5%	0,43
Total	283/426	66,4%	--
Relação de intimidade			
Menos íntimos	39/51	76,5%	0,68
Mais íntimos	341/552	61,8%	0,48
Total	380/603	63%	--
Especificidade do referente			
[-específico]	50/66	75,8%	0,65
[+específico]	339/547	62%	0,48
Total	389/613	63,5%	--
Input 0.674 Log likelihood: -370.275 Significance: 0.021			

Fonte: Elaborado pela autora.

No que diz respeito à variável “padrão sentencial”, selecionada em primeiro lugar nesta rodada, nossos resultados corroboram os alcançados por Barbosa, Duarte e Kato (2005) e Duarte, Mourão e Santos (2012). Segundo tais trabalhos, o padrão sentencial 1 – aquele em que o referente se encontra no mesmo período do anafórico e é o sujeito da oração precedente (principal ou subordinada) – e o padrão sentencial 2 – em que o referente é um sujeito ou tópico e se encontra na oração adjacente – condicionam o uso

de sujeito nulo. Em contrapartida, o padrão sentencial 3 – aquele em que o referente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente – e o padrão sentencial 4⁶ – em que o referente, posicionado na oração precedente/adjacente, possui função sintática diferente da de sujeito – desfavorecem o uso do apagamento.

Atestando nossa hipótese, o padrão sentencial 1 (exemplo 8 a seguir) teve 0,87 de peso relativo. O padrão 2 (exemplo 9) também foi importante, com 0,58 de PR. Esses dois fatores ficaram bem distantes dos padrões 3 (exemplo 10) e 4 (exemplo 11), que tiveram juntos apenas 0,36 de peso relativo, índice relativamente baixo, conforme havíamos previsto. Exemplos desses quatro padrões estão elencados a seguir:

- (8) Pobre Heloisa! esse segundo filho deixou-a em pandarecos. E **ella**, [inint.] e boa, me disse que Ø quer ainda outro filho, um menino. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Virgílio Várzea, ano de 1941)
- (9) **O doutor Francisco Galoti** não está atualmente no Rio. Ø Acha-se a serviço em um dos Estados do norte. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Diversos para Virgílio Várzea e José Boiteux, Remetente afilhado B, ano de 1932)
- (10) Agora voltamos ao trabalho: **Um dos donos do Laboratório** pediu-me para preparar uma aula sobre qualquer assunto que eu preferir, para ministrá-la para alguns funcionários (técnicos), o qual **ele** faz questão de assistir. Veja como estou desesperada!! (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente MR, ano de 1984)
- (11) Recebemos há dois dias a carta da Elza, a qual muito nos alegrou em saber que vão bem de saúde e que Maria já sabe dizer bobo. Então não saíu do plano **do papae**, porque **elle** disse que Maria ia aprender a dizer por primeiro outro nome. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Bertaso, Remetente Jayme, ano de 1928)

A variável “transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo” foi selecionada como a segunda mais importante para a variação do sujeito nas amostras, tendo as estruturas complexas, com 0,66 de peso relativo, como as condicionadoras do sujeito nulo (Cf. exemplo 12)⁷. As estruturas simples com verbos de dois complementos também foram

⁶ Por conta da baixa ocorrência do padrão 3, principalmente quando separamos os dados em três períodos, decidimos amalgamá-lo com o padrão 4 em todas as rodadas estatísticas deste trabalho.

⁷ Não tínhamos uma hipótese bem formulada para essa variável, pois a trouxemos dos estudos que trataram da variação do objeto, considerando que os estudos de sujeito de que temos conhecimento não focaram

significativas, alcançando 0,58 de peso relativo (exemplo 13). Já as estruturas simples de um complemento (exemplo 14) são as que menos favorecem o sujeito nulo, com 0,43 de peso relativo.

- (12) Estive no médico: meu estômago e fígado estão um pouco atacados. **O médico** aconselhou-me a me moderar nos estudos, pois \emptyset encontrou-me um pouco esgotado. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Arduíno Salami, ano de 1974)
- (13) Peço **ao Papae** que quando vier a São Paulo \emptyset me traga o meu relógio. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Bertaso, Remetente Serafim, ano de 1922)
- (14) Quanto a Biba, **ela** me procurou no final de janeiro, mas não pudemos nos encontrar. Achei mesmo que **ela** tinha uma grande novidade para contar. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente MR, ano de 1984)

No exemplo (12), a estrutura é complexa porque o verbo é transitivo direto e a estrutura projetada por ele é de objeto direto (nesse caso, [me]) mais o predicativo do objeto [um pouco esgotado]. Em (13), temos uma estrutura simples de dois complementos, em que um deles é o objeto direto [meu relógio] e o outro é o objeto indireto [me]. A estrutura simples de um complemento em (14) ilustra o verbo transitivo direto [tinha] seguido do objeto direto [uma grande novidade].

Quanto à “relação de intimidade”, atestamos a nossa hipótese, baseada em Coelho e Nunes de Souza (2014), de que os missivistas menos íntimos de seus destinatários utilizariam mais sujeito nulo do que aqueles que possuíssem uma relação mais próxima. A relação de menos intimidade teve 0,68 de peso relativo, contra 0,48 para a relação mais íntima. O exemplo de sujeito nulo em (15), a seguir, foi retirado da Amostra Arduíno Salami, que tem uma relação de menos proximidade com o Bispo de Lages, a quem presta contas de seus estudos missionários. Já o exemplo de sujeito pleno em (16) foi coletado na Amostra Oscar Rosas, que escreve para Cruz e Sousa, com quem teve uma amizade significativa e duradoura.

apenas em verbos transitivos diretos e bitransitivos, como fazemos aqui. No entanto, em todas as rodadas que fizemos em Vieira-Pinto (2020), em que a variável “transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo” foi selecionada, a tendência foi sempre a mesma (ao contrário do esperado para o objeto): as estruturas complexas condicionam o sujeito nulo e as estruturas simples de um complemento o desfavorecem.

- (15) **Meu mano** tem leucemia no sangue, isto é, “câncer no sangue.” Já foi desenganoado pelos médicos, tanto pode morrer hoje, como amanhã. Ø Já recebeu os Santos Óleos, confessou-se, comungou, assistiu a missa varias vèzes. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Arduíno Salami, menos intimidade, ano de 1975)
- (16) Dirás ao Varzea que me escreva [...]. Nas coudelorias fluminenses pairam agora duas eguas, perguntalhe se **elle** as montou, porque eu ainda não. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Oscar Rosas, mais intimidade, ano de 1888)

A variável “especificidade do referente” foi a última a ser selecionada nesta rodada, tendo como condicionador do sujeito nulo o referente com traço [-específico], com 0,65 de peso relativo, atestando nossa hipótese e corroborando estudos realizados anteriormente (Duarte; Mourão; Santos, 2012; Duarte, 2018). O referente com traço [+específico] teve 0,48 de peso relativo, desfavorecendo levemente o uso de sujeito nulo. Os dados a seguir trazem exemplos de referente [-específico] e [+específico], respectivamente.

- (17) **Essa gente** é chamada de “farofeiros” porque Ø comem farofa, isto é, comida misturada com farinha, em geral galinha ou carne assada, para melhor se conservar e não derramar o molho. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Harry Laus, ano de 1987)
- (18) Eu não pensava em fazer mais nada **pela Academia**, depois que **ela** me magoou profundamente em 82. Faço uma exceção a teu respeito. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Maura de Senna Pereira, ano de 1984)

2.2 A realização do objeto direto anafórico nas cartas catarinenses

A análise do objeto direto anafórico nas cartas catarinenses resultou na coleta de 627 dados, em cartas escritas entre 1880 e 1998, em que grande parte é preenchida pelo pronome clítico (389 ocorrências, o equivalente a 62%). A variante inovadora objeto nulo aconteceu 233 vezes, alcançando 37,2% no geral. Já a outra variante nova, pronome reto na função acusativa, só ocorreu em cinco dados (0,8%). A distribuição dessas variantes nos cinco períodos de tempo está exposta na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3: Frequência e percentual das variantes do objeto direto anafórico nas cartas catarinenses segundo cinco períodos de tempo dos séculos XIX e XX

Objeto	Período 1 1876- 1900	Período 2 1901- 1925	Período 3 1926- 1950	Período 4 1951- 1975	Período 5 1976- 2000	Total
	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %	Apl/Total %
Clítico	131/178 73,6%	35/56 62,5%	70/100 70%	46/95 48,4%	107/198 54%	389/627 62%
Nulo	47/178 26,4%	20/56 35,7%	30/100 30%	49/95 51,6%	87/198 44%	233/627 37,2%
Pronome reto	Sem dado	1/56 1,8%	Sem dado	Sem dado	4/198 2%	5/627 0,8%

Fonte: Elaborado pela autora.

Nossa expectativa geral era a de que o pronome clítico teria altos índices, principalmente nas três primeiras sincronias aqui analisadas, enquanto veríamos o objeto nulo ganhando força nos dois últimos recortes de tempo. A partir dos percentuais apresentados, nossa hipótese foi atestada, corroborando diversos estudos diacrônicos que analisaram o objeto direto no PB (Cf. Cyrino, 1997; Costa, 2011; Soledade, 2011; Marques de Sousa, 2017; entre outros). Seguem exemplos dessas duas variantes:

- (19) **A tua Lilly** emigrou, doce pássaro d'amor, para esta tumultuosa cidade. Hoje vou vê-**la** e à mãe e as flores que elas espalharam pela tua lembrança e pelo teu coração, eu farei com que cheguem ainda vivas e cheirosas junto de ti. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Cruz e Sousa, ano de 1889)
- (20) Há meses escrevi ao amigo sobre assuntos que em Araranguá havíamos conversado, não tive resposta ainda; mandei lhe **um folhete de meu “Programa de Governo”** também não sei se recebeu Ø! (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Diversos para Virgílio Várzea e José Boiteux, Remetente Alcebiades Seára, ano de 1927)

Sobre o pronome reto na função de acusativo, esperávamos que sua ocorrência fosse tímida nas cartas catarinenses e que aparecesse principalmente nos períodos de tempo mais recentes. Isso realmente aconteceu: foram constatados apenas quatro dados dessa variante nas cartas do período 5, provenientes da amostra Medeiros, de duas missivistas

jovens, pessoas não públicas, que escrevem para sua amiga JT, cujas relações são de mais intimidade:

- (21) O **I** almoçou aqui em casa domingo. Parece mentira eu ver **ele** sentado ao lado de meu pai conversando. Acho que ele já conquistou a família. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente FL, ano de 1980)
- (22) bem, agora tenho que escrever para as madames do 342. Estou bem brava **com elas**, pois nem se despediram de mim, quando fui procurar **elas** domingo a tarde já tinham ido. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente FL, ano de 1980)
- (23) Es estou chateada com o acidente **do ex-namorado da K**, gostaria muito se vocês ajudassem **ele**. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente FL, ano de 1980)
- (24) Com relação a ida a Lages, já não sei mais, acho que não tenho estrutura para baile no momento, pois es- tou num astral meio ruim e muito abalada com a morte **da Dona Maria**. Parece que não é real, ainda não consegui me convencer. Eu adorava **ela**, JT! (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente MR, ano de 1984)

O pronome reto em (21) – além de fazer referência a um nome [+animado], [+específico], que está em uma posição não paralela ao anafórico – ocorre em uma estrutura complexa de um verbo sensitivo [ver], que projeta uma oração completiva de participio [sentado]. Nessa construção, o anafórico [ele] recebe marcação excepcional de caso acusativo. Esse tipo de estrutura complexa, com tais traços semânticos e posição sintática do referente, tende a condicionar o uso de objeto preenchido. Os dados em (22), (23) e (24) já ocorrem em estruturas simples de um complemento, que tenderiam ao uso de objeto nulo; porém, os referentes são [+animado] e [+específico], fortes condicionadores do preenchimento do objeto.

Além dessas quatro ocorrências, fomos surpreendidos com um dado de pronome reto acusativo que aconteceu no início do século XX, mais especificamente em 1902:

- (25) **O Senhor Jose Ribeiro e Manoel Ribeiro** procurarão nos para nos se [inpeñar] com o Senhor para não mandar Sitar **elles** que ate o dia 15 de Novembro prochimo que ate esse dia elles lhe remete os Dinheiro de seus impostos de

capital e assim sendo possível vos pedimos e esperamos ser atendido. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Athayde, Remetente VA, ano de 1902)

Tal dado advém de um missivista da amostra Athayde, cuja idade é por nós desconhecida, que escreve no período 2 para seu chefe sobre o trabalho de contador. As cartas de VA sugerem que sua relação com o chefe é de menos intimidade, o que reforça a nossa surpresa com a presença desse dado inovador. Importante mencionar que esse pronome reto faz referência a um SN [+animado] e [+específico], que é argumento externo, e que o anafórico ocorre em uma estrutura complexa: trata-se de um verbo bitransitivo [sitar] que projeta um objeto direto [elles] e um complemento circunstancial (que nesse caso é nulo). Todos esses fatores juntos influenciam o uso do objeto preenchido, apesar de não ser pela variante canônica pronome clítico.

Seguindo a mesma metodologia nos dois fenômenos estudados nesta pesquisa, passamos a considerar amalgamados os dados dos períodos 2 e 3 e dos períodos 4 e 5 nas rodadas binomiais que apresentamos em seguida. Nas rodadas binomiais do objeto, decidimos retirar os cinco dados de pronome reto acusativo, totalizando 622 dados: 233 objetos nulos (37,5%) e 389 clíticos (62,5%). Em uma primeira rodada, com todos os dados juntos, tínhamos a pretensão de testar se o período de tempo seria selecionado. Nesta ordem, o programa Goldvarb X elegeu como condicionadores do objeto nulo: a “animacidade do referente”, o “padrão sentencial”, o “período de tempo” e a “especificidade”. Os resultados estão apresentados a seguir, na Tabela 4:

Tabela 4: Frequência, percentual e peso relativo de objeto nulo nas cartas catarinenses de todos os períodos juntos segundo as variáveis “animacidade do referente”, “padrão sentencial”, “período de tempo” e “especificidade do referente”

Objeto	Todos os períodos		
	Apl/Total	%	PR
Animacidade do referente			
[-animado]	212/440	48,2%	0,63
[+animado]	21/182	11,5%	0,21
Total	233/622	37,5%	--
Padrão sentencial			
A – Tópico ou complemento no período adjacente	176/378	46,6%	0,58
B/C – Complemento ou sujeito na oração coordenada	20/58	34,5%	0,48

S – Sujeito no período adjacente	11/46	23,9%	0,45
D/E – Complemento ou sujeito na oração precedente (principal ou subordinada)	16/78	20,5%	0,31
F/G – Complemento ou sujeito na oração não adjacente (com orações intervenientes)	10/58	17,2%	0,28
Total	233/618	37,7%	--
Período de tempo			
Período 1	47/178	26,4%	0,39
Período 2/3	50/155	32,3%	0,47
Período 4/5	136/289	47,1%	0,57
Total	233/622	37,5%	--
Especificidade do referente			
[-específico]	57/105	54,3%	0,60
[+específico]	176/517	34%	0,47
Total	233/622	37,5%	--
Input 0.332			
Log likelihood: -345.280			
Significance: 0.036			

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme esperávamos, a “animacidade do referente” tem grande importância na variação do objeto direto, seguindo o que foi atestado em diversos estudos sincrônicos e diacrônicos do PB (Duarte, 1989; Cyrino, 1997; Marafoni, 2004; Costa, 2011; -Pinto, 2015; Marques de Sousa, 2017; entre outros): o referente [-animado] condiciona o objeto nulo em 0,63 de peso relativo, contra 0,21 para o referente [+animado]. Os exemplos a seguir representam dados de referente [-animado], que influencia o uso de objeto nulo anafórico, e de referente [+animado], favorecendo o pronome clítico.

- (26) Precisaria esse dinheiro, ao menos uma parte, pois deverei dar uma entrada. Pensei o seguinte: se julgarem necessário, me enviem **umas notas promissórias**, que eu assinaria Ø. Depois de Padre pagaria 100,00 por há, até saldar a dívida. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Arduíno Salami, ano de 1975)
- (27) Não imaginas como te ficarei grato ao saber que te interessaste **pelo marido de minha querida Desdemona**, ajudando-o no que te fór possível, para que possa sahir-se bem no concurso, e ser nomeado. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Araújo Figueredo, ano de 1912)

Para o “padrão sentencial” relacionado ao fenômeno do objeto direto, baseamo-nos nos fatores do estudo de Marques de Sousa (2017). A principal hipótese era a de que o padrão A, em que o referente é um complemento ou um tópico estrutural/discursivo no período adjacente, condicionaria o objeto nulo. Atestamos nossa hipótese, considerando o peso relativo de 0,58 desse padrão, como no exemplo:

- (28) Junto envio **uma carta** para o teu irmão – O Sinhô, e supplico lhe remetteres Ø por portador seguro. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Tota, ano de 1926)

Atestamos também nossa hipótese de que os padrões D e E (em que o referente está em uma oração precedente no mesmo período composto por subordinação, com função de complemento ou de sujeito) e os padrões F e G (em que o referente complemento ou sujeito está em uma oração não adjacente) seriam desfavorecedores do objeto nulo. Os padrões D e E amalgamados tiveram 0,31 de peso relativo para o objeto nulo, enquanto os padrões F e G tiveram 0,28. Exemplos desses quatro padrões estão elencados a seguir:

- (29) Grande parte da edição está imobilizada em Florianópolis e estou tratando de recolhê-**la** para, possivelmente em 1987, reuni-**la** com o Zenão e o Santo para uma reedição. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Harry Laus, ano de 1986)
- (30) Vão fazendo companhia a esta **dous sonetos meos**, que não **os** quero publicar sem que primeiro tu os aprecie; se é que n’elles há alguma cousa digna disso. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Oscar Rosas, ano de 1883)
- (31) Faço-lhe este pedido porque entre as autoridades policiaes do districto, há um desaffecto **de Antonio Borges**, capaz de prevalecer-se do cargo para persegui-**o** e vexal-o. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Athayde, Remetente JL, ano de 1902)
- (32) **Ele** colocou que tenho todos os motivos para não aceitá-**lo** de volta, mas que se eu acreditar nele (mais uma vez!) só poderei ser feliz. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente MR, ano de 1984)

Em (29), temos ilustrado o padrão D: o referente [la] exerce a função de complemento de [recolher] e está posicionado na sentença precedente que liga a oração subordinada adverbial em que o anafórico está [para reuni-la com o Zenão...]. O padrão E em (30) representa o anafórico [os] posicionado na oração subordinada relativa, que retoma

o sujeito da oração principal [dous sonetos meos]. No exemplo (31), vemos uma oração interveniente entre o referente complemento [de Antonio Borges] e o anafórico [lo], que se encontra em uma oração subordinada adverbial [para perseguil-o]. A interveniência também aparece em (32), porém a função do referente [ele] é de sujeito da oração principal.

O fato de a variável “período de tempo” ter sido selecionada, destacando a última sincronia como condicionadora do objeto nulo em oposição às sincronias mais afastadas, atesta a nossa hipótese de mudança em tempo real relacionada ao objeto nulo nas cartas catarinenses (Cf. Labov, 1994).

O período 1 apresentou 0,39 de peso relativo, desfavorecendo o uso de objeto nulo. Em vez dessa variante, os missivistas do século XIX preferem utilizar o pronome clítico. Já o período 4/5 tem 0,57 de peso relativo para o objeto nulo, revelando a evolução dessa variante inovadora no decorrer do tempo e sua alta utilização na escrita dos catarinenses da segunda metade do século XX.

A “especificidade do referente” foi a quarta variável selecionada pelo Goldvarb X, e os resultados atestaram a hipótese de que os referentes [-específico] influenciariam o uso de objeto nulo, com 0,60 de peso relativo (Cf. Cyrino, 1997; Marafoni, 2004; Costa, 2011; Marques de Sousa, 2017; entre outros).

- (33) Isto escrito, são apenas **palavras**, mas são verdadeiras, sinceras, porque vem de dentro. (<há ↑> se eu pudesse dizer Ø pessoalmente) (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Medeiros, Remetente HB, ano de 1981)

Quanto aos referentes [+específico], estes não favorecem o objeto nulo, porém não o desfavorecem em grande escala, considerando o peso relativo em 0,47, isto é, o pronome clítico ocorre com mais frequência nesse caso, mas também é possível o apagamento ocorrer com certa frequência, como nos exemplos.

- (34) Desejo-te saude e felicidade e bons [inint.] ao Victor e minha querida sobrinha a quem peço dar um beijo por mim nos labios daquela santinha, pedindo que mude o nome de Celestina que tem tenção pôl-a, visto ser um nome muito feio; em uma boneca q'dou-lhe de lembrança designo-**lhe** o nome que devem chama**l-a** (Basilissa). (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Brito, Remetente José Maria, ano de 1883)
- (35) Sei que nesta altura do tempo, talvez não mais esperasse **minha carta**; porque eu egoisticamente deixei para escrever Ø somente hoje por ser um dia abor-

recido. (Carta pessoal de Santa Catarina, Amostra Vale, Remetente E, ano de 1965)

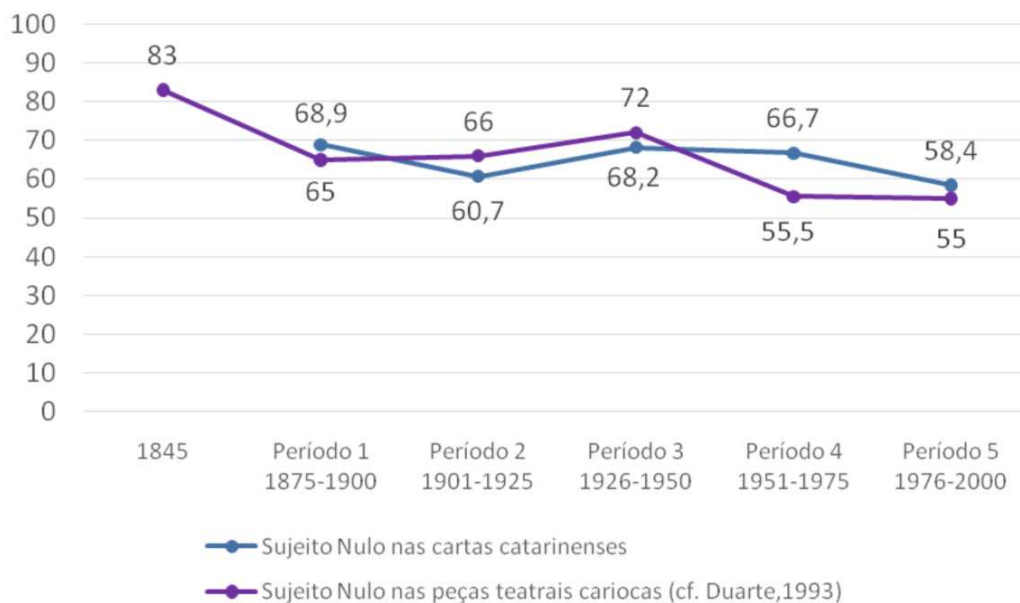
Na próxima seção, comparamos nossos resultados com os de trabalhos que analisaram a realização do sujeito e do objeto direto no decorrer do tempo em peças teatrais do Rio de Janeiro.

2.3 Comparação dos resultados entre as cartas catarinenses e as peças teatrais cariocas

Como vimos até aqui, os resultados das cartas pessoais catarinenses apontam, no geral, para uma estabilidade da mudança do sujeito: somente na última sincronia é que vemos uma diferença no percentual de sujeito nulo, que é 10% mais baixo do que o índice do primeiro recorte de tempo. Sobre o objeto, atestamos mudança em tempo real quando observamos os percentuais de objeto nulo aumentando com o passar dos anos.

Nossos resultados são bem próximos daqueles encontrados por Duarte (1993) nas peças teatrais do Rio de Janeiro no que concerne ao sujeito nulo de terceira pessoa. O Gráfico 1, a seguir, apresenta essa comparação⁸.

Gráfico 1: Percentuais de sujeito nulo anafórico nas cartas pessoais catarinenses e nas peças teatrais cariocas (Cf. Duarte, 1993) nos séculos XIX e XX



Fonte: Adaptado de Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 22).

⁸ Considerando que Duarte – e também Marques de Sousa, no próximo gráfico em que comparamos os resultados de objeto – analisa sete diferentes períodos de tempo, voltamos a apresentar nossos percentuais separados em cinco sincronias.

Os percentuais de sujeito nulo de terceira pessoa encontrados pela autora apresentam uma queda acentuada de 1845 (83%) a 1882 (65%), mantendo estabilidade nas sincronias seguintes (66% em 1918 e 72% em 1937). A partir da segunda metade do século XX, os índices decrescem para 55,5% (anos de 1955 e 1975 da autora)⁹, permanecendo em 55% em 1992. Quanto às nossas amostras de cartas catarinenses, os resultados seguem praticamente a mesma curva dos percentuais do Rio de Janeiro nos nossos três primeiros recortes, com 68,9%, 60,7% e 68,2% de sujeito nulo, respectivamente. Nas duas últimas sincronias, Santa Catarina é um pouco mais resistente, principalmente no período 4, com 66,7% de apagamento. Já no período 5, o percentual chega bem próximo daquele encontrado para o Rio, em 58,4%. Os resultados dos dois trabalhos representam esse período de transição pelo qual o PB está passando, de um sistema consistente de sujeito nulo para um sistema mais variável, com um aumento lento e gradual de sujeitos plenos (Cf. Kato; Duarte, 2014, 2017).

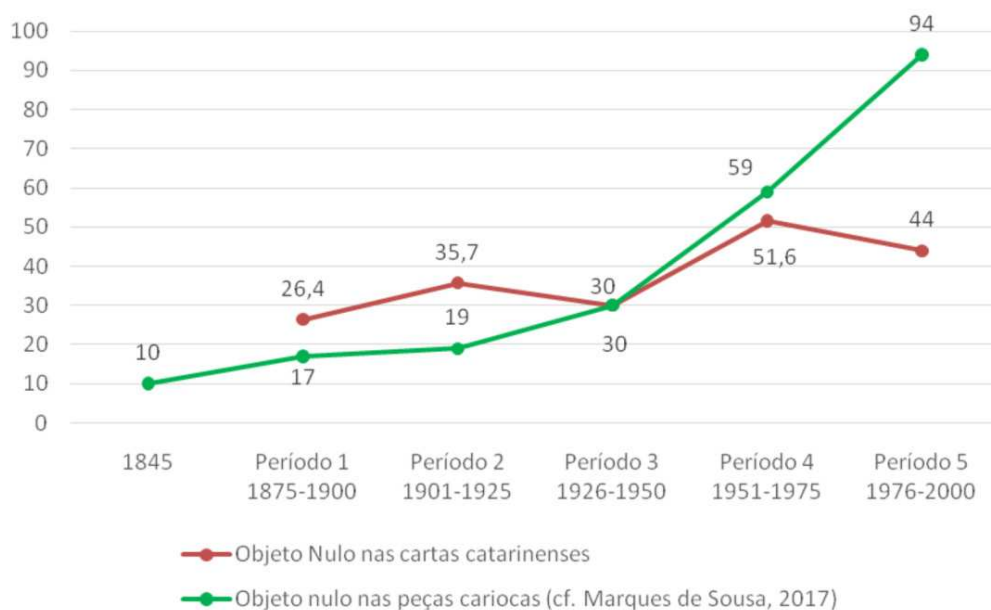
Nessa comparação entre cartas pessoais catarinenses e peças teatrais cariocas, os percentuais de sujeito nulo de terceira pessoa parecem seguir o mesmo movimento de mudança, diferentemente do que acontece com os sujeitos de primeira e de segunda pessoas, que decrescem no Rio de Janeiro (Cf. Duarte, 1993) e se mantêm conservadores em Santa Catarina – com índices altos até mesmo nas últimas sincronias analisadas (Cf. Coelho; Vieira-Pinto, 2021). O caráter anafórico da terceira pessoa parece ser o elemento que mais aproxima a escrita das duas regiões (atestando o que Duarte costuma chamar de “mudança sintática democrática”). Ademais, as forças linguísticas que atuam na terceira pessoa das cartas catarinenses também são de mesma natureza das que foram atestadas nas peças cariocas, em especial o padrão sentencial e a especificidade.

Da mesma forma, para o fenômeno do objeto direto, encontramos semelhanças com os resultados atestados no trabalho de Marques de Sousa (2017), que também analisa peças de teatro cariocas¹⁰. Vejamos a comparação entre as cartas pessoais de Santa Catarina e as peças de teatro do Rio de Janeiro apresentada no Gráfico 2.

⁹ Na apresentação do Gráfico 1, amalgamamos as sincronias de 1955 e 1975 de Duarte (1993) a fim de comparação com nossos recortes de tempo. Em seu trabalho, os percentuais de sujeito nulo foram de 59% em 1955 e 52% em 1975.

¹⁰ Exceto no período que corresponde ao final do século XIX, Duarte (1993) e Marques de Sousa (2017) analisam o mesmo corpus de peças teatrais (uma peça por período). Apenas na década de 1880 é que Duarte utiliza a peça “Como se fazia um deputado” (1882), de França Junior, e Marques de Sousa coleta dados na peça “As Doutoradas” (1889), do mesmo autor.

Gráfico 2: Percentuais de objeto nulo nas cartas pessoais catarinenses e nas peças teatrais cariocas (Cf. Marques de Sousa, 2017), nos séculos XIX e XX



Fonte: Adaptado de Marques de Sousa (2017, p. 93).

Os resultados do autor mostram a evolução do objeto nulo, que ganha força a cada sincronia, chegando à quase completção da mudança no final do século XX. Os percentuais de apagamento se mantêm praticamente estáveis nos três primeiros recortes, com 10% em 1845, 17% em 1889 e 19% em 1918; mas, a partir da década de 1930, a mudança passa a ser bastante significativa, com 30% em 1937, 59% em 1955/1975¹¹ e 94% em 1992. Tais resultados atestam com clareza a mudança de um sistema preferencialmente de pronome clítico – que, nos primeiros períodos analisados, era baseado no português lusitano – para uma gramática legitimamente do PB, em que o objeto nulo é a variante mais utilizada, invertendo o quadro inicial.

As cartas pessoais catarinenses seguem, no geral, a mesma curva de mudança registrada nas peças, com distâncias mais marcadas entre os índices apenas nos períodos 2 e 5. No período 1, apesar de um leve favorecimento do nulo nas cartas, o percentual foi de 26,4%, próximo ao que Marques de Sousa (2017) atestou para o mesmo período. No período 2, no entanto, a diferença encontrada entre as cartas (35,7% de objeto nulo) e as peças (19% apenas) é mais acentuada, o que não seria esperado, já que esse período é

¹¹ Amalgamamos as sincronias de 1955 e 1975 de Marques de Sousa na apresentação do Gráfico 2 a fim de comparação com nossos recortes de tempo. O objeto nulo teve 66% em 1955 e 52% em 1975.

relacionado ao Modernismo, e a ocorrência da variante inovadora costuma ser frequente (Cf. Cyrino; Torres Morais, 2018) – o que deveria ter ocorrido nas peças teatrais. Talvez esse contraste possa ser explicado por conta do enredo da peça estudada por Marques de Sousa, “O simpático Jeremias”, de Gastão Tojeiro: o personagem principal é um aprendiz de filósofo, e é característica de sua fala uma linguagem mais erudita, que é destacada em comparação com a fala de outros personagens. Pode ser que, por conta disso, os usos de pronome clítico tenham sido mais frequentes do que o esperado.

Os percentuais voltam a ser semelhantes nos períodos 3 e 4, em que o objeto nulo teve 30% e 51,6% nas cartas catarinenses. Quanto à última sincronia analisada, porém, não podemos afirmar a mesma curva, pois as missivas apresentam 44% de objeto nulo e as peças cariocas, 94%. Marques de Sousa (2017) compara seus resultados de 1992 com outros trabalhos que analisaram a fala do PB e verifica que os percentuais das variantes seguem a mesma tendência. Ao que tudo indica, Miguel Falabella, autor da peça em questão, parece ter tomado a língua falada do PB como base para seu texto escrito, uma excelente característica, que confirma o fato de que as peças retratam a sociedade do momento, inclusive em seus usos linguísticos. De qualquer forma, as cartas catarinenses desse mesmo período, apesar de não revelarem os mesmos percentuais atestados na fala (até mesmo de Santa Catarina), transparecem a implementação do objeto nulo na escrita, conforme nossas expectativas.

Sobre as variáveis selecionadas, os dois trabalhos constataram o período de tempo como importante fator – atestando mudança em tempo real do objeto nulo nas peças cariocas e nas cartas catarinenses –, além de terem sido também destacadas a animacidade e a especificidade como condicionadoras da categoria vazia.

3. Considerações finais

Nesta pesquisa, fizemos uma análise comparativa entre a realização do sujeito e do objeto direto anafóricos, verificando a trajetória desses dois fenômenos sintáticos em cartas pessoais catarinenses escritas ao longo dos séculos XIX e XX, separadas em cinco períodos de tempo. Sobre a análise do sujeito de uma sincronia para a outra, os percentuais são praticamente estáveis, havendo diferença apenas no último período analisado. Mesmo com a queda de 10% do primeiro para o último recorte de tempo, a preferência pelo sujeito nulo na escrita dos catarinenses ainda é grande. No que tange à análise do objeto direto, atestamos o objeto nulo ganhando força em Santa Catarina à medida que o tempo vai passando, indo a favor de nossa expectativa inicial. Sobre as forças que condicionam

as categorias vazias, não registramos as mesmas variáveis externas atuando nas mudanças, mas somente algumas forças internas. As variáveis linguísticas selecionadas em comum, tanto para o sujeito quanto para o objeto, são: o “padrão sentencial” e a “especificidade do referente”. Por fim, uma comparação dos resultados das cartas catarinenses com aqueles obtidos em amostras de peças teatrais cariocas (Duarte, 1993; Marques de Sousa, 2017) aponta para o fato de que os percentuais de sujeito de terceira pessoa e de objeto direto anafórico parecem seguir o mesmo movimento de mudança nas duas regiões.

Referências

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 11-52, 2005.

BERLINCK, R. de A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. 1988. 265 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 95-112.

BIBERAUER; T.; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BIBERAUER; T.; ROBERTS, I. Parameter setting. In: LEDGEWAY, A.; ROBERTS, I. (orgs.). *The Cambridge Handbook of Historical Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 134-162.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Holland: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua – sua natureza, origem e uso*. Tradução Anabela Gonçalves; Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1994 [1986].

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 163-199.

COELHO, I. L.; VIEIRA-PINTO, C. A.; ZIBETTI, E. M. O.; SILVA, G. M. e. Ordem SV, sujeito expresso e objeto nulo: a trajetória da mudança no português de Santa Catarina. *Actas do XVIII Congresso Internacional ALFAL – Projetos*, Bogotá: Universidade de Bogotá, p. 1-16, 2017.

COELHO, I. L.; VIEIRA-PINTO, C. A. O sujeito nulo em cartas pessoais catarinenses no curso dos séculos XIX e XX (1885-1998). In: MARINS, J. E.; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. de O. (orgs.). *Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 281-309.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística Histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

COSTA, S. *O (não) preenchimento do objeto anafórico na língua portuguesa: análise diacrônica do PB e do PE dos séculos XIX e XX*. 2011. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

CYRINO, S. M. L.; TORRES MORAIS, M. A. (org.). *História do português brasileiro - mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 19-34.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio Evite Pronome no português brasileiro*. 1995. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo no português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (orgs.). *História do português brasileiro - mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 26-71.

DUARTE, M. E. L.; MOURÃO, G. C.; SANTOS, H. M. Os sujeitos de 3ª pessoa: REvisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 21-44.

FARACO, C. A. *Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GALVES, C.; CYRINO, S.; LOPES, R.; SANDALO, F.; AVELAR, J. (org.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no português brasileiro. *Veredas: Sintaxe das línguas brasileiras*, v. 18/1, p. 1-22, 2014.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. O sujeito no português brasileiro e sua tipologia. In: PILATI, E.; SALLES, H. L.; NAVES, R. (orgs.). *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 13-42.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change – Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

MARAFONI, R. L. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MARQUES DE SOUSA, A. A. *As realizações do acusativo anafórico no português europeu e brasileiro: um estudo diacrônico*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da lingüística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 61, p. 1-30, 2019.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Linguística histórica. In: PFEIFFER, C. C. *Introdução às ciências da linguagem – linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes Editores, 2006. p. 11-48.

ROMAINE, S. *Socio-Historical Linguistics - Its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SOLEDADE, C. L. V. *A realização do objeto direto anafórico em peças de autores brasileiros dos séculos XIX e XX: dados empíricos para a observação da mudança no português brasileiro*. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TARALLO, F. *Relativization strategies in brazilian portuguese*. 1983. 273 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Filadélfia, 1983.

TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993a. p. 35-68.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993b. p. 69-105.

TARALLO, F.; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. *Diadorim*, v. 2, p. 13-42, 2007 [1989].

VIEIRA-PINTO, C. A. *Variação do objeto anafórico acusativo na fala de Florianópolis*. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VIEIRA-PINTO, C. A. *Trajetória de mudança do sujeito e do objeto direto anafóricos: análise de cartas pessoais brasileiras e portuguesas dos séculos XIX e XX*. 2020. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

